



Organizadores:
Telma Bessa Sales
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Trajetórias de pesquisa

Os mundos do trabalho em transformação

Série
Território
Científico

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos



Telma Bessa Sales é graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997), com mestrado (2000) e doutorado (2006) em História pela mesma instituição e pós doutorado na Universidade de Évora – Portugal (2015). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Brasil, experiências sociais, memória, cultura, história oral, reestruturação produtiva e patrimônio industrial. Fez estágio na Universidade La Sapienza (Roma) sob orientação do professor Alessandro Portelli. É membro do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios no Ceará (ICOMOS-CE), do Conselho Municipal de Patrimônio de Sobral e professora adjunta do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) desde 2011.



Antônio Jerfson Lins de Freitas é graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2007) e em História – Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (2004). Técnico em telecomunicações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET-CE, atual IFCE). Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (2019). Cursa segunda licenciatura em Geografia pela Faculdade Estácio do Ceará e Doutorado em Geografia pela UECE. Atualmente coordena o conselho editorial da Editora SertãoCult.

Organizadores:
Telma Bessa Sales
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Trajetórias de pesquisa

Os mundos do trabalho em
transformação



Sobral - CE
2024

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Trajétórias de pesquisa - Os mundos do trabalho em transformação

© 2024 copyright by Telma Bessa Sales, Antônio Jerfson Lins de Freitas. (Orgs)

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com.br
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com.br

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial de História

Carlos Augusto Pereira dos Santos
Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valeria Aparecida Alves
Raimundo Alves de Araújo
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Juliana Magalhães Linhares
Cícero João da Costa Filho
Regina Celi Fonseca Raick
Andreia Rodrigues de Andrade

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação

João Batista Rodrigues Neto

Capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

T765 Trajetórias de pesquisa: os mundos do trabalho em transformação. /
Organizado por Telma Bessa Sales, Antonio Jerfson Lins de Freitas. -
Sobral CE: Sertão Cult, 2024.

274p.

ISBN: 978-65-5421-130-7 - papel
ISBN: 978-65-5421-131-4 - e-book - pdf
Doi: 10.35260/54211314-2024

1. Pesquisa.
2. Ensino.
3. Trabalhos- Novas perspectivas.4. Sistemas de trabalho.
1. Sales, Telma Bessa. II. Freitas, Antonio Jerfson Lins de. III. Título.

CDD 331.117

A série Território Científico

Marco Machado

Jerfson Lins

Editora SertãoCult

Quando o Projeto Território Científico foi concebido há mais de quatro anos, as incertezas sobre o que a pandemia da Covid-19 nos traria eram muitas. O futuro era opaco para previsões otimistas diante do quadro de milhares de mortos diariamente, apenas no Brasil.

Mas se o contexto era absolutamente assustador, pelo menos pudemos ter confirmada a resiliência dos pesquisadores brasileiros, que apesar de imersos em um cenário de carência de recursos financeiros e técnicos, ou-saram produzir como nunca, adequando-se àquela realidade, aprendendo a utilizar as ferramentas e tecnologias de informação e comunicação, paradoxalmente ficando ainda mais próximos do que antes da clausura imposta pelo vírus.

A tsunami de lives e eventos virtuais passou assim como chegou. O cansaço de assistir a intermináveis sessões diante das telas cobrou seu preço e a busca pelo contato físico suplantou o medo de sair às ruas. Parece que havia sido em outra vida que podíamos reunir centenas de pessoas em um auditório para discutir alguma pesquisa, ou simplesmente reunir meia dúzia de amigos ao redor de uma mesa para conversar sobre assuntos banais.

Parece que foi em outra vida também que, a partir da série Território Científico, a editora SertãoCult convidou os membros de seu conselho para organizarem entrevistas com renomados pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Muito material foi gerado a partir de tal iniciativa, um riquíssimo acervo que já originou quatro livros e agora traz à luz mais um volume, *Trajétórias de pesquisa: os mundos do trabalho em transformação*.

Em mais uma parceria, Telma Bessa e Jerfson Lins reuniram grandes pensadores, de diversas universidades, para falarem sobre o mundo do trabalho, sobre suas carreiras e pesquisas. Mais do que uma aula sobre a realidade vivida pelo trabalhador no século XXI, este livro nos permite enxergar o mundo com os olhos treinados de alguns dos mais respeitados pesquisadores da temática.

Foram, com este, cinco grandes livros produzidos e disponibilizados gratuitamente em formato e-book no escopo do projeto. Foram dezenas de entrevistadores e entrevistados e horas de conteúdo, fontes imprescindíveis para jovens pesquisadores interessados em um aprender com quem realmente sabe sobre o tema.

Brindemos a mais este sucesso! Outros estão a caminho.

Sobral-CE, abril de 2024.

Apresentação

Há três anos nadamos nas águas profundas e agitadas enfrentando a pandemia da Covid-19 (2020-2021) no Brasil e no mundo. Em terras brasileiras, a crise sanitária foi acompanhada de uma crise política, econômica e social que expressou arroubos autoritários, posturas negacionistas e desrespeito aos direitos trabalhistas, direitos humanos, direitos de mulheres etc.

Nesses dias de tempestades de uma demora de três anos, a criatividade, a imaginação, a leveza e o uso das tecnologias informacionais e digitais adentraram em nossas casas e até hoje compõem a maneira de realizar trabalho (no universo acadêmico, por exemplo) e entretenimento.

Navegando nesse mar revolto, criamos plataformas com lives, debates, entrevistas e livros. Este, que você tem em mãos agora, é fruto dessa conjuntura, do desejo de manutenção de relações e vínculos com professores e alunos do país. É possível hoje conhecer as narrativas de intelectuais estudiosos(as) do Brasil, que se colocaram disponíveis para veicular suas trajetórias no período pandêmico do século XXI, especialmente com a temática da pesquisa sobre os mundos do trabalho.

Gratidão é a palavra que cabe para todos(as) que construíram este livro. Agradecer pelo diálogo, aprendizado, dedicação e paciência antes, durante e depois das entrevistas filmadas e que você pode verificar a partir dos links disponíveis em cada narrativa.

Boa leitura e debates a partir da categoria *trabalho*, que continua provocador e contribui na revitalização do pensamento histórico e das ciências sociais/humanas.

Os organizadores

Sumário

O trabalho continua central na sociedade..... 11

Roberto Vêras de Oliveira – UFPB

Uma visão interdisciplinar sobre o trabalho no século XXI..... 15

Felipe Augusto dos Santos Ribeiro - UESPI

Doi: 10.35260/54211314-2024.p22-40

Uberização e crise no mundo do trabalho: entrevista com César Sanson..... 23

César Sanson

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p42-70

Trabalho e gênero: entrevista com Helena Hirata..... 43

Helena Hirata

Joannes Paulus Silva Forte

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p70-94

“As marisqueiras estavam lá, elas por elas mesmas”: entrevista com Luiz Henrique dos Santos Blume..... 71

Luiz Henrique dos Santos Blume

Cosma Silva de Araújo

Fannuel Santos Mesquita

Doi: 10.35260/54211314-2024.p96-125

Transformações capitalistas e (des)igualdades no mundo do trabalho: entrevista com Márcia de Paula Leite.....97

Márcia de Paula Leite

Joannes Paulus Silva Forte

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p126-138

Dialogar com os diversos setores da sociedade é importante na pesquisa e ensino: entrevista com Telma Bessa Sales..... 127

Telma Bessa Sales
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Joannes Paulus Silva Forte

Doi: 10.35260/54211314-2024.p140-165

Os sujeitos na luta pela terra: entrevista com Samuel Maupeou.....141

Samuel Maupeou
Telma Bessa Sales
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p166-186

O sindicalismo e o mundo do trabalho: entrevista com Marcelo Badaró Mattos.....167

Marcelo Badaró Mattos
Cosma Silva de Araújo
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p188-206

“Não dá para pensar a sociedade sem trabalho”: entrevista com Clarice Speranza..... 189

Clarice Gontarski Speranza
Fannuel Santos Mesquita
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p208-222

Pesquisa e empatia no mundo do trabalho: entrevista com Antonio Bosi..... 209

Antonio de Pádua Bosi
Fannuel Santos Mesquita
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p224-242

“Boas questões fazem boas pesquisas”: entrevista com Fabiane Popinigis.....225

Fabiane Popinigis
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Cosma Silva de Araújo

Doi: 10.35260/54211314-2024.p244-265

“Seria estranho se eu não tivesse optado por estudar o trabalho”: entrevista com William Mello.....245

William James Mello
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Cosma Silva de Araújo

Índice Remissivo.....267

Entrevistadores..... 273

Doi: 10.35260/54211314-2024.p126-138



Telma Bessa Sales é graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997), com mestrado (2000) e doutorado (2006) em História pela mesma instituição e pós doutorado na Universidade de Évora – Portugal (2015). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Brasil, experiências sociais, memória, cultura, história oral, reestruturação produtiva e patrimônio industrial. Fez estágio na Universidade La Sapienza (Roma) sob orientação do professor Alessandro Portelli. É membro do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios no Ceará (ICOMOS-CE), do Conselho Municipal de Patrimônio de Sobral e professora adjunta do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) desde 2011.

Dialogar com os diversos setores da sociedade é importante na pesquisa e ensino: entrevista com Telma Bessa Sales¹

Telma Bessa Sales

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Joannes Paulus Silva Forte

Joannes Forte (UVA): Boa tarde a todos e todas! Meu nome é Joannes Forte. Eu sou professor do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú e atuo nos estudos do trabalho. É uma das áreas temáticas que eu pesquiso: trabalho, educação e direito. E estou hoje com esta responsabilidade prazerosa de conversar com Telma Bessa sobre a trajetória dela de pesquisadora também da área do trabalho, que se desdobraram em produções que foram da pesquisa científica ao audiovisual, a opção de curta metragem. Também englobando a trajetória da Telma no debate sobre trabalho e os trabalhadores e trabalhadoras e da classe que vive do trabalho.

A professora Telma Bessa é do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú. É graduada em História. É mestra em História e é



¹ Entrevista realizada via *Google Meet* em 17 de novembro de 2020. Confira a entrevista utilizando ou clicando no QR Code ao lado.

doutora em História pela PUC de São Paulo. Então, gente, ela deu início a uma trajetória de estudos do mundo do trabalho, sobre os quais nós iremos conversar aqui hoje.

Telma Bessa (UVA): Boa tarde! Eu agradeço muitíssimo. Me sinto honrada de participar desse diálogo e apresentar um pouco da minha carreira profissional e minha trajetória, que tem tudo a ver com isso, não é? Com um ambiente de trabalho, com um ambiente de uma postura sempre envolvida com os movimentos sociais. Como é importante firmar as parcerias, os diálogos, pra gente transformar, pra gente mudar, pra gente compreender e mudar o espaço e o momento que a gente vive! Então, eu gostaria de começar falando que a dinâmica que eu escolhi, o tema, tem dois momentos, tem dois movimentos. O primeiro é que eu já convivía e estava envolvida com uns grupos de trabalhadores na cidade de Fortaleza, na minha graduação. Então, antes de eu entrar na Universidade Federal do Ceará, na década de 1990 para cursar a graduação de História, eu já participava das pastorais sociais. As pastorais sociais, gente, vêm desde a década de 1980 cumprindo um papel muito importante no apoio aos menos favorecidos, na luta pela redemocratização junto com o movimento sindical, obviamente, de todos os setores sociais. Eu era de uma pastoral chamada pastoral operária. Existia, naquele momento, a pastoral da terra, a pastoral da criança... Eu me envolvi e fiquei muito tempo, uns 15 anos, dedicada à pastoral operária, que hoje, nesse ano, faz 50 anos. É uma alegria! Eu fui convidada a participar da comissão de preparação para participar desses 50 anos. Por que? Porque essas pastorais sociais foram o fermento na transformação da sociedade. Nós fizemos da educação popular, como a professora Viviane [Prado] fala do MEB - Movimento de Educação de Base, como os operários construíram na cidade, na luta pelos seus direitos, que é exatamente o mesmo tema que nós estamos trabalhando hoje, a defesa dos direitos. A aplicação dos direitos.

Então, eu fazia parte dessa pastoral e, na década de 90, muitas coisas importantes aconteceram. A CNBB, que é a Conferência Nacional dos Bispos no Brasil, fez uma grande atividade que se chamou “ Primeira Semana Social Brasileira”, nessa instância que ela foi crescendo, nos bairros, na cidade e para o país. Fez um grande diagnóstico sobre o Brasil que temos e o Brasil que queremos. Quem participou dessa dinâmica, desse evento, foram os desempregados, foram os trabalhadores, as mulheres, os religiosos

e, no final, nós fizemos um grande debate com o Fernando Henrique Cardoso e com o Luiz Inácio Lula da Silva, que eram candidatos, que eram lideranças que naquele momento estavam participando da nossa discussão sobre a sociedade. Então, essa pastoral social é muito importante, por isso eu conversei com os novos alunos. Os alunos são dos grupos de jovens, são da comunidade, enfim, importante participar, abordar e acompanhar grupos de teatro, grupo é de Slam.² É muito importante a gente apoiar e participar desses movimentos. A minha trajetória começa aí, o meu interesse pelos trabalhadores, por uma abordagem mais social e pela luta dos direitos, entende? Então, tem essa vertente de desenvolvimento social. E, como diz o professor Marcelo Badaró, que é um grande professor estudioso do mundo do trabalho, e a professora Déa Felon falava muito isso em São Paulo, são os movimentos sociais que incentivam as Instituições de Ensino Superior a repensar o seu cotidiano, a sua sala de aula, os seus currículos e a sua atuação. Então, nesse momento da década de 80-90 as universidades estavam muito envolvidas nessa dinâmica, impulsionadas, obviamente, pelo movimento social.

Eu estudava na Universidade Federal do Ceará e a minha graduação foi muito interessante. Professores como o professor [Francisco José] Pinheiro, como a professora Adelaide [Maria Gonçalves Pereira], como o professor Frederico [de Castro Neves]... Então, eu tive muitos professores justamente nessa linha, dessa trajetória, dessa opção de não desligar os estudos dentro da universidade, como estava acontecendo na sociedade, entende? Como diz o Milton Santos, a universidade não está acima do bem e do mal e não está fora da sociedade, mas ela faz parte e contribui inclusive para pensar a construção e as mudanças, para pensar uma nova sociedade. Então, pra que serve a pesquisa, não é? Pra que que servem os nossos estudos? A não ser tornar a vida mais digna, lutar por igualdade social, que a gente possa dar visibilidade àqueles personagens e aqueles sujeitos que não estão nos livros, né assim? E que não estão nos meios de comunicação. Como dizia Michelle Perrot e alguns outros autores franceses e ingleses, “os excluídos da história”.

2 Identificado como um gênero literário de resistência, no Brasil o slam é caracterizado pela declamação de versos em espaços públicos, inspirados pelo rap, sintonizados com a vida nas periferias e experimentados coletivamente.

Então, veio a minha escola na faculdade. A minha formação de graduação tem exatamente essa marca, de pensar não só a universidade, pensar não só o meu curso de graduação, mas pensar o meio em que estou vivendo. Imagine só, na década de 90, o que aconteceu no Brasil! O impeachment do governo Collor, não é? Se vocês não lembram, já houve esse impeachment, que envolveu a juventude, os trabalhadores rurais. Muito interessante! Meus professores nos incentivavam a ir para a praça exatamente para ter esse envolvimento político. E nós fomos para as ruas de caras pintadas. Vocês lembram? Dos livros que tem? Nós pintamos o rosto e fomos para a praça José de Alencar, exatamente para lutar por esses direitos políticos. E exatamente, fazia coro a essa grande reivindicação e luta que era o impeachment do Collor. Sendo que, anos antes do que em 88, mesmo antes de eu entrar pra faculdade, a gente já estava, através das pastorais, construindo a Constituição Federal, a Constituição Cidadã de 1988. Alguns de nossos alunos estavam nascendo, não é? Na década de 80, e eu tive a grande oportunidade de participar desse momento, sabe? De lutar por uma Constituição Cidadã, de ir para as praças, de ir para as ruas pedir a assinatura dos menores, dos índios, das mulheres, dos segmentos sociais que não eram respeitados pela nossa Constituição. Foi um marco de fato, e que hoje tem nos livros, e de todo esse envolvimento e essa mudança social.

Eu tive essa oportunidade de compreender a urgência dos estudos e das pesquisas, intrinsecamente ligado com a sociedade. Ligados com as opções de vida das pessoas, ligados com a justiça social. Então, o nosso laborar, o nosso viver, nossa vida feliz. O que é uma vida feliz? Uma vida feliz é uma vida justa. Essa vida justa é quando todos têm acesso a tudo de bom, não é assim? Não só pra mim, pra você, para a comunidade, para a nação! Nós lutamos pela cidadania. É isso que nós estamos fazendo, dentro e fora da universidade a vida inteira, né isso? Então, a minha formação, da minha juventude é que possibilitou essa análise, esse assumir compromisso, porque o estudo não são só teóricos, as nossas pesquisas não se desenvolvem só pra cumprir tabela. Não é só cumprir tabela, pra terminar, para concluir. Então, na minha escola que eu aprendi, na UFC, na graduação.

Joannes: Sobre as suas escolhas teórico-metodológicas, nos seus trabalhos a história oral se destaca como uma perspectiva fundamental. Como se deu esta escolha?

Telma: Então, antes precisamos compreender que de fato a história oral é uma opção política. A história oral contribui para a ampliação da democracia, da visibilidade, a pluralidade de vozes. E antes de entrar nesse aspecto, eu gostaria de dizer que o tripé das minhas pesquisas são o trabalho, a cidade e os trabalhadores. É claro que o mundo do trabalho inclui, inclusive, o patronato, as histórias empresariais. Nós temos acervos como o CPDOC³ e vários outros que escutam os personagens e as personalidades, e eu fiz a opção de pesquisar e dar visibilidade a esses outros setores. Então, nesse diálogo do mundo do trabalho, da sociedade e dessas memórias. Esse campo de trabalho da historiografia só veio despertar nos anos 1970-80. Antes, esse tema do mundo do trabalho era muito restrito às ciências sociais. Os historiadores, um pouco depois dos sociólogos, é que desenvolveram de fato essa opção. Então, na minha opção, no meu mestrado em São Paulo, no final dos anos 90, eu estudei os operários da Volkswagen de São Bernardo do Campo. Eu estudava muito sociólogos como Francisco Oliveira, Fernando Henrique Cardoso... Esses sociólogos estudavam, nos anos 60-70, esse Brasil industrial. Era o Brasil em formação, era o começo da industrialização do ponto de vista da produção, do maquinário pesado, a migração. Depois eram abordagens de outras concepções de trabalhador. O trabalhador não é só aquele imigrante que vai compor o operário fabril, mas é aquele sujeito social que se mobiliza, que faz greve e que faz oposição.

Então, houve essa dinâmica até a história entrar nessa discussão como, por exemplo, com a professora Ângela de Castro Gomes, do Rio de Janeiro, que escreveu "*A invenção do trabalhismo*"⁴, como professores como Edgar de Decca, Claudio Batalha, Marcelo Badaró. São vários estudiosos que abraçaram esse tema do mundo do trabalho de uma perspectiva do envolvimento, da ação coletiva, da luta pelos seus direitos. Antes de ontem eu assisti a uma *live* maravilhosa, que está no Youtube, na Unirio, da professora Ângela de Castro Gomes. Gente, ela foi espetacular ao discutir exatamente os direitos dos trabalhadores em 1945, a partir da CLT, como as leis trabalhistas, como essa luta está no mundo atual e exige de nós, historiadores e pesquisadores, novos estudos e novas posturas.

3 O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas, é uma instituição de pesquisa e ensino superior brasileira que conta com um banco de dados de documentação sobre história contemporânea do Brasil.

4 GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo, SP: Vértice, 1988.

Em 2000, os historiadores fundaram o GT sobre o mundo do trabalho dentro da ANPUH, da Associação Nacional dos Professores de História. Então, vocês percebiam que tem uma grande caminhada e sempre no diálogo com as Ciências Sociais, com os diversos pesquisadores. É exatamente nessa perspectiva a minha trajetória e os meus estudos. Essa opção política, teórica, metodológica, historiográfica pelos trabalhadores. É exatamente o que nos move e abraçando, obviamente, a história oral. Na minha graduação, por exemplo, nem existia monografia, mas a gente fazia uma pesquisa e um relatório e eu entrevistei os dirigentes sindicais. Por que? Porque naquele momento, eu trabalhava na Central Única dos Trabalhadores, eu era secretária e ali eu tinha acesso aos sindicatos mais pobres, sindicatos dos têxteis, sindicatos dos sapateiros, sindicatos das castanhas. Gente, nem existia o sindicato das castanheiras!

As trabalhadoras da Guararapes, das linhas de confecção em Fortaleza, não tinham refeitório, não tinham uniforme, elas comiam nas calçadas. Então, nós da Universidade, junto com a sociedade, apoiamos esses trabalhadores, para lutar organicamente, sistematicamente por seus direitos. Por isso que a Universidade é um espaço fundamental pra gente alargar os nossos horizontes, pra gente ver além das nossas pesquisas. A minha pesquisa, nesse sentido, da UFC, foi muito incipiente.

No mestrado, na PUC-São Paulo, aí sim! Foi uma experiência que me levou semanalmente ao Sindicato dos Metalúrgicos, em São Bernardo, então eu tive acesso aos trabalhadores no local de trabalhador, no chão da fábrica. Eu escolhi os ferramenteiros, que é exatamente esse livro aqui, que foi publicado. Trabalho e restauração produtiva.⁵ Eu escolhi a ferramentaria porque é o coração da fábrica. Naquele momento, eram os trabalhadores que desempenhavam toda a produção no ponto de vista do modelo do carro, das peças produzidas.

Joannes: Só fazer uma propaganda: este livro é uma produção da dissertação de mestrado da professora Telma Bessa e você pode comprar pela internet.

Telma: Então... Eu vou contar uma piada pra vocês, não sei se eu contei pra você, Joannes. Acho que eu contei pra outro professor. Gente, esse li-

5 SALES, T. B. *Trabalho e reestruturação produtiva: o caso da Volkswagen em São Bernardo do Campo/SP*. 01. ed. São Paulo: Annablume, 2002.

vro foi no ano 2000, então eu assinei o contrato e todos os direitos autorais obviamente para a editora. Hoje ele custa R\$ 6,00 na Estante Virtual. Qual é a graça disso tudo? Eu tenho uma amiga que está no pós-doutorado em Lisboa e viu meu livro. Eu pedi pra ela olhar o preço... 93 euros!

Joannes: Uau!

Telma: Quase 500 reais! Então, que loucura!

Joannes: Que bom que no Brasil está acessível, né? (risos).

Telma: Por outro lado, nos mostra também a desvalorização. Quem me conhece, sabe que eu não quero vender absolutamente nada. Tudo é gratuito, entende? Obviamente, faz 20 anos, nos anos 2000... há 20 anos! O que é importante disso tudo? A gente perceber que essa pesquisa, pra mim, foi super importante. E no doutorado eu continuei nos estudos do mundo do trabalho com os nordestinos que moravam em São Paulo. Mas por que os nordestinos? Foi com um contato e articulação com os familiares. Eu pesquisei trabalhadores desde a época de 1950. Eu pesquisei um trabalhador que chegou em 1957 pra trabalhar na Volks e outros trabalhadores que estavam chegando lá no ano 2000. Então, esses trabalhadores construíram São Paulo e construíram também essa grande fábrica. Eu separei aqui uma coisa super legal sobre esse livro: a Volkswagen é uma cidade. Aqui diz assim: “O consumo médio mensal é de 62 toneladas de arroz, 132 toneladas de carnes, 7 milhões de refeições”. É a dimensão da Volks, que era uma cidade. E esse trabalhador se envolvia, além da fábrica, nas comissões de trabalho, se envolvia no futebol, se envolvia no grupo de teatro, não é? Se envolvia no 1º de maio. A vida desse trabalhador, para nós pesquisadores, não é apenas uma engrenagem que faz parte dessa indústria, ele é um sujeito social protagonista, que ama, que sofre, que sorri, que luta, que reza e transforma. Só pra concluir, é essa abordagem que a metodologia da história oral faz, que é exatamente ter uma experiência de igualdade, e é uma não-relação de hierarquia. É uma troca de experiências.

Joannes: Como foi pesquisar esses trabalhadores fabris e imigrantes na cidade de São Paulo?

Telma: É muito interessante, gente, porque na verdade quando eu fiz meu mestrado e meu doutorado eu continuei, obviamente, com meu envolvimento na política. Então, eu fui trabalhar como assessora parlamentar legislativa em São Paulo e o deputado com quem eu trabalhei era ligado

também às pastorais sociais. E existe em São Paulo e aqui também, no Nordeste e no Ceará, uma pastoral dos migrantes. Essa pastoral foi fundamental para o meu estreitamento de laços com esses grupos de alagoanos, cearenses, de baianos, de piauienses, de maranhenses. Esses nordestinos em São Paulo constituíam comunidades organizadas, sabe? A metodologia da história oral lhe possibilita esse olhar que eu valorizo, pois considera a dinâmica, o cotidiano, a subjetividade desses sujeitos sociais.

Muitos historiadores vêm estudando o trabalho. E como é essa realidade, essa dinâmica? Nessa realidade de São Paulo, que tinha de tudo, boliviano, italiano, chileno, inclusive nordestino, inclusive cearense, inclusive canudense. Por que eu estou fazendo esse triângulo? Porque quando eu fui dialogar com eles, a primeira coisa que deixavam claro era: “Nós somos descendentes de Canudos da Bahia e nós estamos compreendendo uma outra versão da Guerra de Canudos. Nós temos comunidades, reuniões, nós vamos nas escolas dar palestras, nós fazemos celebrações, nós fazemos forró que envolve mil pessoas, que é pra celebrar a memória dos nossos avôs, do que foi a Guerra de Canudos, e não a memória que está nos livros”. A história oral é essa experiência transformadora que faz com que a gente perceba que há outras histórias além da história e da versão oficial. Nós queremos o quê? Outras disciplinaridades, outras memórias, outras histórias, e foi exatamente o que eu fiz, sem saber, no começo, na minha graduação, depois no mestrado, no doutorado e no pós-doutorado.

E quando eu vos falo em Sobral, quando eu vim embora, depois de 15 anos que eu cheguei em Fortaleza, de volta ao Ceará, eu também me dediquei aos estudos com as parteiras, com os trabalhadores, com os enfermeiros, com os trabalhadores da área da saúde, com os têxteis, da Finobrasa, que é uma fábrica que nem existe mais. Então, eu me envolvi, eu voltei, fui professora visitante da Universidade Federal do Ceará por três anos, e lá também nós tínhamos o nosso grupo de história oral. E nós fomos exatamente dialogar com algumas categorias. Essa percepção, essa sensibilidade, essa valorização desses segmentos sociais sempre foram muito presentes na minha trajetória.

Joannes: No caso dos trabalhadores migrantes, o que eles falavam sobre a saudade? Como pensavam a distância do seu lugar de origem? Quais as dificuldades de adaptação ao novo lugar?

Telma: Quando eu cheguei a Sobral, nós fomos conhecer os trabalhadores da Fábrica de Tecidos.⁶ Por que? Porque o que nos interessa, o que nos move são as histórias desses trabalhadores, as memórias desses trabalhadores que trabalhavam nesses estabelecimentos.

Joannes: Inclusive você fez o vídeo, documentário, né?

Telma: É isso exatamente o que eu ia falar. Porque no começo você disse: “Ela fez ciência, ela fez pesquisa e também foi pro audiovisual”. E essa é uma grande polêmica porque a produção de audiovisual também é ciência, pois estamos produzindo metodologias abrangentes, diferenciadas e hoje são metodologias digitais educacionais, por exemplo. Eu tive muita sorte de encontrar excelentes pessoas em Sobral. Sobral é um campo aberto, é um grande convite para os pesquisadores, para a gente conhecer essa cidade que não está nos livros, que não está no bem tombado do centro histórico e dos casarões do século XIX. Que é maravilhoso! Que é um arcabouço teórico. Que é um estudo de conhecimento da produção da cidade. Que é formidável! Mas como disse o professor Nilson [Almino de Freitas]: “Nós queremos olhar além”. O nosso olhar busca outras histórias, outras memórias, então, a história que eu conheci tá no documentário, está neste livro, são as histórias desses trabalhadores que vieram de outras cidades.

Joannes: Eu só quero deixar claro, que essa polêmica não é comigo, pra mim, isso está muito claro! (Risos).

Telma: Ótimo! Exatamente! Por que? Porque mesmo a história oral, nos anos 80 no Brasil, é muito questionada e é muito bom isso, né? A gente compreende como os historiadores, como os pesquisadores na França, na Inglaterra, no México, na Espanha, na Itália, aqui, em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Amazonas, como é que essa metodologia é tão rica! Ela proporciona isso, como dizia o Michael Pollak: “Possibilidade de interpretação de outras histórias e de outras memórias”. É disso que tratam os escritos do professor Alessandro Portelli. É disso que fala a professora Yara Khoury. É quando trata essas memórias, essas experiências vividas dos sujeitos sociais, é disso que trata também a Antropologia. O Paulo Arantes, quando fala do espaço dividido entres os imigrantes, entres os nativos, entre os

6 Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano, conhecida também como Fábrica de Tecidos de Sobral.

empresariados, entre os trabalhadores. Então, é dentro dessas realidades que nós todos estudamos e nós todos pesquisamos.

Agora, pra que pensar nisso? Por que pesquisar considerando todos e todas, esses elementos? Além de ser um compromisso intelectual da academia, pra que tudo isso? Porque a história nos ajuda a pensar e a entender a sociedade em que nós vivemos! Sempre existiram as dificuldades. A história do Brasil é uma história de guerra, de luta, de protesto, não é isso? Então poucos momentos nós tivemos em berço esplêndido, aliás, os trabalhadores nunca viram isso. Nós estamos tendo, hoje ainda, trabalho escravo. Não é escravo como houve no Brasil Colonial, mas é uma escravidão pela vigilância, pelo controle de tempo. A professora Ângela de Castro tem uma pesquisa esplêndida, maravilhosa dos entregadores antifascistas que são exatamente os trabalhadores que estão movimentando o capital. Eles dizem exatamente o [Karl] Marx falou. Do que é essa realidade de trabalho que Marx falou até hoje? O que significa a precarização do trabalho hoje?

Joannes: A uberização que ataca os entregadores e as entregadoras nesse momento, pelo mundo. E outras categorias também.

Telma: E do professor! Então, por que é tão importante? Nós temos que considerar o quê, gente? Por que nós fazemos essas opções? O que importa é a gente fazer nossas pesquisas com uma experiência transformadora na Universidade e na cidade, como Sobral. Porque nós temos que estar atentos à realidade em que nós vivemos. Porque nós temos que saber desconstruir as mentiras, as *fake news*. O que exatamente são essas mentiras? São o canto da sereia do neoliberalismo, que tenta convencer o trabalhador, que não tem direito, que não tem vínculo, de que é um empreendedor, e isso é mentira! Não sou eu quem está falando, são eles próprios.

Joannes: Professora Telma, sua pesquisa analisa o impacto das políticas neoliberais no campo do trabalho?

Telma: É disso que se trata. É porque eu fico tão apaixonada por isso! (risos). Nós estamos falando do ataque do capital ao trabalho. Então, esse tripartite do trabalho, do capital e do Estado é o que Marx estudou também. É disso que se trata. E nós, os trabalhadores, é que estamos perdendo. Por que? Porque somos nós que estamos reivindicando comida, nós queremos comida! O que os entregadores estão pedindo? Eles estão pedindo comi-

da, pedindo álcool, eles estão pedindo salários justos. Porque eles pagam inclusive o celular, inclusive o uniforme. Então, é uma desregulamentação, é uma flexibilização total. É uma desconstrução dos direitos sociais e dos direitos dos trabalhadores que foram garantidos com muita luta e com muita organização, entende?

Qual é a importância do curso de história? Eu sei que eu não trabalho sem ciências sociais, sem os meus parceiros que são da Geografia, da Antropologia, da Arquitetura, das Ciências Sociais. Mas nós não podemos esquecer que a história nos permite compreendermos essa historicidade, esse processo. Como é que vamos compreender o hoje sem olhar essa história? E a história está nos mostrando isso, vamos ficar atentos ao que está acontecendo, não cair no conto do vigário, no canto da sereia, que é o que o neoliberalismo coloca. Que nós somos empreendedores, que a tecnologia é tudo. Eu sei que nós, em sociedade, que tem uma distância abissal. Como dizia o Boaventura de Sousa Santos, “Entre as pessoas que têm tecnologia, que têm conta bancária, que têm acesso a tudo e a grande massa que não tem nada”. E agora, inclusive, nessa pandemia, é esse o nosso desafio. Como é que nós, pesquisadores, podemos contribuir pra ajudar a mudar essa situação? Nós não queremos só um chip. O que é um chip? É uma porta de acesso! Nós não queremos só a metade, nós queremos igualdade pra raça, pra gênero, pras mulheres negras. Nós queremos igualdade de acesso para as periferias. É disso que tratam os nossos estudos.

Joannes: Muito obrigado, professora!

Telma: Quero agradecer muito e dizer que eu e toda a minha trajetória foi em

Eu sei que eu não trabalho sem ciências sociais, sem os meus parceiros que são da Geografia, da Antropologia, da Arquitetura, das Ciências Sociais. Mas nós não podemos esquecer que a história nos permite compreendermos essa historicidade, esse processo. Como é que vamos compreender o hoje sem olhar essa história? E a história está nos mostrando isso, vamos ficar atentos ao que está acontecendo, não cair no conto do vigário, no canto da sereia, que é o que o neoliberalismo coloca. Que nós somos empreendedores, que a tecnologia é tudo.

diálogo com os pesquisadores da Unicamp, da PUC, da UFC e dizer que nós temos muito, muito o que caminhar para trazer as costureiras aqui, as mulheres que trabalham com palha de carnaúba, entende? Pra entender essa região em que nós moramos. E isso desde a década de 30, desde que nunca foram reconhecidos os direitos dessa mulher, que ainda mais tem uma tripla jornada de trabalho, onde o companheiro não ajuda, não divide as tarefas. E isso é uma luta histórica e ela é fundamental pra gente hoje. E para concluir, eu gostaria só de dizer isso: vamos entender que a nossa luta hoje é por proteção social, é pelo vínculo, é pelo básico, entende? Que foi negado e que a classe trabalhadora, os diversos segmentos sociais juntos é que conseguem mudar isso.

Entrevistadores

Cosma Silva de Araújo - Graduada em História- UVA. Mestre em História e Culturas- UECE. Graduanda em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Ceará - UAB. Servidora pública.

Fannuel Santos Mesquita - Graduado em História-Licenciatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

Joannes Paulus Silva Forte - Graduado em Ciências Sociais na modalidade Licenciatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC) (2004), em Ciências Sociais na modalidade Bacharelado pela UFC (2004), mestre em Sociologia pela UFC (2008) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (2019) com cotutela no Département Droit, Intervention Sociale, Santé, Travail (DISST) do Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM-Paris-França). É Professor Adjunto J da Universidade Estadual Vale do Acaraú. É docente do quadro permanente do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio), na associada UEVA.

Viviane Prado Bezerra - Professora Assistente do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (Dinter UFF/URCA). Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Está vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas de História Oral do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, atuando nos campos de pesquisa de História Social, com ênfase em Movimentos Sociais, Camponeses, História das Mulheres, História Oral e História da Educação.

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m², com 274 páginas e em e-book formato pdf.
Maio de 2024.

Série
Território
Científico

Editora
**SERTÃO:
CULT**
10 anos

Uberização, gênero, trabalhadores tradicionais, trabalhadores da terra, o sindicalismo, desigualdades, diálogo, pesquisa, capitalismo, empatia. Cada uma destas palavras-chave é fundamental para aqueles que têm interesse pelos estudos acerca do mundo do trabalho. Mais ainda: são temas fundamentais para cada um de nós, trabalhadores, inseridos em uma sociedade em constante transformação, nem sempre (ou quase nunca) para melhor.

Pensando nisso, a série Território Científico uniu neste seu 5º volume entrevistas com 11 pesquisadores que se dedicam há anos ao mundo do trabalho e aos trabalhadores. Para melhor conhecermos nossa sociedade, nada melhor do que conhecermos aquilo que a move: o trabalho. Por isso convidamos vocês, caros leitores, a refletirem conosco sobre nossa realidade, que é primeiro passo para que possamos tornar essa transformação mais justa.

ISBN 978-655421130-7



9

786554

211307

Editora **SERTÃO:
CULT**